

MÉTODOS DE AVALIAÇÃO NO DOMÍNIO AFECTIVO

MARIA CRISTINA SOUSA FARIA *

- uma panorâmica geral

'Pode medir-se a Personalidade?

Esta pergunta tantas vezes feita ao psicólogo, é quase por completo desprovida de significado. A resposta depende do que se entender por personalidade, do que se compreender por medição e, claro, da maneira como se interpretar o termo "poder". Compreenderemos isto de modo a julgar que é possível, de momento, realizar qualquer medição, ou deverá entender-se que, embora seja impossível para já fazê-lo, em princípio poderá vir a ser viável? Antes de entrarmos em pormenores, portanto, deveremos primeiro do que tudo ver o que se entende por "personalidade" e pelo termo "medição" quando relacionados.'

(H. J. Eysenck)

A riqueza da vida humana e consequentemente da sua experiência vivenciada num espaço e num tempo próprio, encontra-se na rede de sentimentos e emoções duma Personalidade. Por isso, ninguém se

recusa a afirmar que não há nada mais real e concreto que os seus sentimentos e emoções, isto é, do que o seu afectivo.

Se estivermos interessados no estudo de fenómenos como por exemplo, o perigo, o medo, a audácia, a timidez, o ódio, o amor, depressa se nos depara a dificuldade de não haver caminho directo para os medir. No presente estado do nosso conhecimento ficamos reduzidos a encontrar certos fenómenos mensuráveis que mostram uma relação com os processos centrais, nos quais residem os nossos reais interesses; daí a reflexão de Poltzer (1928):

O que faz com que a Psicologia não se possa constituir em ciência positiva é que, não podendo satisfazer senão parcialmente às suas condições de exigência, encontra-se encerrada na antítese da objectividade e da subjectividade".

Ao depararmo-nos perante a diversidade, imprevisibilidade e espontaneidade do subjectivo, a questão que surge é a de como definir os elementos e respectivas relações e conexões, tendo em conta as características de cada indivíduo, bem como aquelas que são comuns a vários indivíduos. Por outro lado, é de capital importância tentar diferenciar os níveis de observação do real, tentar observar as diferen-

* Docente da ESE de Beja

ças, tendo sempre presente a afirmação da especificidade, do nosso objecto de estudo: a Personalidade dum homem ou duma mulher.

Persona era a máscara teatral usada inicialmente no drama grego, sendo posteriormente adoptada, por volta do ano 100 a.c., pelos actores romanos. Parece que tal acontecimento deveu-se ao facto de um popular actor romano sentir necessidade de esconder o seu olhar vesgo. Mais tarde, nos escritos de Cícero a palavra surge para expressar um conjunto de qualidades pessoais ou para mostrar como uma pessoa aparecia às outras, não como era na realidade, mas como convinha na situação. Assim, foi neste sentido dual de qualidades psicológicas do indivíduo e de impressão que causa nos outros, que o termo Personalidade chegou aos nossos dias.

O estudo da Personalidade desenvolveu-se um tanto à parte da área da Psicologia experimental; com o carácter de investigação sistemática apareceu como parte da tradição clínica de observação, iniciada com médicos franceses do século XIX (Charcot e Janet), interessados no estudo e no tratamento de personalidades doentes (histeria).

Na perspectiva de Lundin (1969) o primeiro estudo realmente compreensivo da Personalidade, e feito de um ponto de vista psicológico, começou com Freud e várias outras escolas psicanalistas numa tentativa de compreender tanto a natureza básica dos humanos, quanto os desvios da sua conduta.

Segundo J. Laplanche e J. B. Pontalis (1967) a palavra afecto surge na terminologia psicológica alemã para designar qualquer estado afectivo, penoso ou agradável, vago ou qualificado quer apareça sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral. Freud começou desde muito cedo a utilizar este termo (Breuer e Freud, "Estudos sobre a histeria", 1895) como sendo "a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações", considerando toda a pulsão em função de dois tipos de registo: do afecto e da representação.

Hoje o termo afectivo encontra-se demasiado banalizado como refere Miranda Santos (1972) "a característica de predominância psíquica, de profundidade mesmo que se designa pelo vocábulo sentimento no sentido próprio e menos desvalorado, = aspecto afectivo = assim como a capacidade de elaboração do real a partir dos índices sensoriais, indo mesmo ao ponto de descobrir novas relações entre as variáveis em presença, a percepção - o aspecto cognitivo".

Apesar da dificuldade em estudar objectivamente o subjectivo, tal não constituiu razão suficiente para que desde sempre, até aos nossos dias, se tenha deixado de estudar cientificamente a Personalidade nas suas diversas componentes (biológica, física, morfológica, social, cognitiva, afectiva). O presente trabalho tem como principal objectivo salientar a importância dos esforços desenvolvidos no sentido de avaliar objectivamente o domínio afectivo, propondo igualmente uma reflexão sobre algumas metodologias utilizadas.

PERSONALIDADE E MEDIÇÃO

Desde sempre os estudiosos se preocuparam em tentar compreender em função das circunstâncias o seu objecto de estudo mais complexo, mas também, mais aliciante: o HOMEM e a MULHER. A metodologia empregada dependia do grau de conhecimento do momento, sobre os factos e meios disponíveis ao seu alcance. Frequentemente encontramos escritos que tentaram analisar a personalidade dum humano a partir das suas características físicas: como por exemplo em Júlio César (Acto 1, Cena 2):

*"Deixai que eu tenha homens gordos à minha volta;
Homens com cabelo liso e que durmam de noite;*

Aquele Cássio tem um aspecto magro e esfomeado; Pensa demasiado: tais homens são perigosos."

À medida que a Psicologia deixava para trás a análise introspectiva da mente e caminhava para a construção duma ciência do comportamento, surgiu a necessidade do estudo da Personalidade tornar-se parte integral da Psicologia científica: daí uma multiplicidade de definições que podem agrupar-se em:

- Omnibus ("soma total do comportamento de uma pessoa", Watson)
- Integrativa (foque na organização funcional)

- Hierárquica (William James, S. Freud)
- De ajustamento (características ou comportamentos que permitem a um indivíduo ajustar-se ou viver no seu ambiente)

O conceito de personalidade surge sempre com uma teoria subjacente que ora coloca a importância na infância (interpretação psicanalítica), ora na experiência (teorias da aprendizagem) ou ainda no impulso à realização pessoal e descoberta do sentido de vida (interpretação humanista) (ver Fig. 1).

T. APRENDIZAGEM	T. ESTRUTURAIS	T. FACTORIAIS	ENFOQUES DESENVOLVIM.
Skinner (1938) Hull (1950)	Epódocles Hipecrates (400a.c.) Kretschmer Sheldon e Stevens (1940)	Spearman Thurstone Guilford Cattell Eysenck (1947) C. Jung G. Allport (1936)	S. Freud Herdeiros de Freud: C. Jung A. Adler E. Fromm C. Rogers

Figura 1 Alguns autores que deram a sua contribuição para definições psicológicas de Personalidade

Perante tal panorâmica, da diversidade de definições e diferenças, surge a necessidade de delimitar o campo de informação. Assim, tornam-se inadequadas todas aquelas que apenas referem o valor social do indivíduo face aos outros membros do grupo; uma vez que se preocupam exclusivamente com o aspecto do comportamento manifesto ignorando os aspectos internos da Personalidade (motivação, percepções, sentimentos, reacções, atitudes, valores, preconceitos) que são os alicerces de base do comportamento humano.

Que tipos de aspectos devemos salientar quando pretendemos estudar um

indivíduo? Na década de trinta são conhecidos os estudos de Allport e Odbert que encontraram 17 953 palavras em língua inglesa que poderiam ser empregues para distinguir uma pessoa de outra; na década seguinte Cattell conseguiu reduzir para 171 palavras. Por outro lado, como garantir a constância de uma Personalidade? Isto é, como diz W. James (1950) "*De um modo geral, é melhor que ele não escape. É bom para o mundo que na maioria, pela idade dos trinta anos, o carácter se tenha fixado como o estuque e nunca mais amoleça*"; mas será possível ou útil encontrar alguma estabilidade ou permanência de um deter-

minado traço de Personalidade? Será que existe alguma predisposição duradoura da pessoa para agir de um modo particular, quando são apresentadas certas classes de estímulos?

A maior parte dos autores estarão de acordo em definir dum modo geral a Personalidade como um produto duma organização dinâmica e característica dum indivíduo, das estruturas ou sistemas psicológicos e da sua interacção com o meio. Quer isto dizer que ao abordar uma Personalidade teremos de ter sempre em conta:

- a individualidade do organismo estruturado
- natureza do ambiente que o rodeia para compreender o modo como o indivíduo se integra nesse ambiente (familiar, social, ...) e quais os ajustamentos que efectua e que tipos de comportamentos utiliza.

Tudo o que emerge da interacção entre um organismo psico-bio-sócio-cultural e o mundo que o rodeia; tudo o que são: acções, posturas, palavras, atitudes, pensamentos, opiniões, ... sentimentos, são dignos de registo minucioso. Pretende-se sondar os vários aspectos da Personalidade a três níveis: conteúdos conscientes, inconscientes e intermediários; ou três mundos: mundo potencial, mundo pessoal e mundo objectivo e social (Miranda Santos, 1982).

As várias dimensões do objecto em estudo não existem independentemente umas das outras, nem actuam isoladas, isto é, estão intercorrelacionadas, interagindo de modo organizado e coerente, encontrando-se sempre num contínuo processo de mudança e evolução. Quando a estrutura da Personalidade fica estática, rigidifica ou existe desorganização dos traços e do comportamento, quer dizer que está doente.

Neste sentido compete ao psicólogo prevenir ou ajudar a ultrapassar o problema apresentado por um indivíduo em situação. Mas como o detectar? "*Se a personalidade é um sector de estudo caracteri-*

zado por um ponto de vista particular, então, obviamente não podemos "medir" a personalidade, assim como não podemos "medir" o Universo. Tudo o que podemos fazer é medir certos aspectos da personalidade ou do Universo." (Eysenck)

Torna-se na verdade complexo atribuir valores numéricos a objectos ou factos, de acordo com determinadas regras pré-estabelecidas e depois realizar a relação de tal medição com o facto real, tentando inquirir o grau de confiança, de validade e significado da medida utilizada. Tal cepticismo em relação à avaliação da Personalidade não nos obriga a colocar de lado essa tarefa só porque é difícil! Tanto do ponto de vista qualitativo, como quantitativo é possível estabelecer claras e óbvias relações e funções, até mesmo, pela possibilidade de utilizar métodos estatísticos que detectam a margem de erros possivelmente cometidos.

De certa forma, tudo depende da competência técnica do utilizador e do método de avaliação (atribuição de características, aptidões, atitudes, com base na observação dum comportamento situação que se encontra em relação com um padrão habitual).

Dizer que o Carlos é sociável, o Manuel é espirituoso e a Susana é apática, são comentários do dia a dia; mas, analisar conscientemente os respectivos comportamentos remete-nos para a afirmação e consequente justificação científica, da existência duma determinada característica, e de colocá-la dentro duma determinada categoria que esteja em relação com outras.

Depois do que foi dito, já se pode responder à questão colocada anteriormente; o tipo de aspectos que devemos salientar quando pretendemos estudar um indivíduo são os seguintes:

- I) ver o que cada indivíduo (ele/ela) têm a dizer sobre si próprios;
- II) procurar saber o que os outros indivíduos dizem sobre esse indivíduo;
- III) nós podemos observar o que esse sujeito pretende no momento e como é que se comporta no mundo real com os

objectos que o rodeiam, acontecimentos ou com os outros indivíduos.

Considerando que a maior força de informação sobre uma pessoa é ela própria, podem-se utilizar vários métodos para conhecer o indivíduo em causa:

- Entrevista
- Questionário
- Inventário de Personalidade.

Quando se realiza uma consulta da perspectiva do indivíduo, visto pelos outros, podemos considerar os seguintes meios:

- Cartas de recomendação
- Escalas de balanço ("*Rating Scales*")
- Sociogramas
- Sondagens.

Os psicólogos poderão utilizar nas suas observações várias medidas indirectas e testes de comportamento, como por exemplo:

- Técnicas Projectivas
- Testes de situação e Elaboração de programas
- Testes de Humor.

Como iremos aprofundar posteriormente, o psicólogo se quiser obter uma observação refinada deverá percorrer os seguintes passos:

- 1 - definição dos limites de observação
- 2 - definição de comportamentos
- 3 - treino especializado de observadores
- 4 - quantificar as observações
- 5 - utilização dum código.

Uma das dificuldades no exame da Personalidade coloca-se ao nível da

construção de um inventário que avalie a pessoa como um todo; é muito mais simples construir um inventário que dê uma indicação acerca das tendências de um indivíduo para a introversão/extroversão, sociabilidade, auto-conceito, auto-imagem, nível de aspiração, ascendência. Por isso, o psicólogo utiliza escalas de avaliação, ou qualquer outro instrumento, que lhe permita captar segmentos de personalidade mais restritos ou mais amplos. A partir daqui, ele vai tentar compreender tais registos numa perspectiva psicológica, organiza a informação como um todo mostrando o fio condutor dos factos; e as suas conclusões podem ser representadas num perfil psicológico.

MÉTODOS DE AVALIAÇÃO DA PERSONALIDADE

A variedade de instrumentos para a mensuração de características emocionais, de motivação, interpessoais dum comportamento ultrapassam as centenas; são particularmente numerosas as técnicas projectivas e os inventários de personalidade.

Segundo Anastasi (1977) no desenvolvimento dos inventários de personalidade foram seguidas várias formas de estudo para formulação, montagem, selecção e agrupamento de itens; entre os principais processos seguidos podemos encontrar:

- a validade de conteúdo
- o critério de gabarito empírico
- a análise factorial
- teoria da personalidade.

Teoricamente todas estas técnicas poderiam ser combinadas no desenvolvimento de um único inventário de personalidade, mas, na realidade só alguns processos são utilizados (ver Fig. 2).

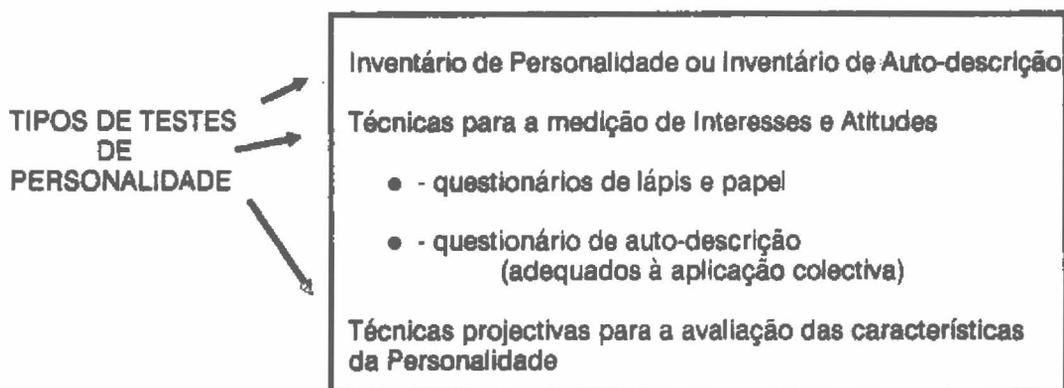


Figura 2 : Esquema dos vários tipos de instrumentos para a mensuração de características emocionais, de motivação, percepção, interpessoais e de comportamento de diferentes aptidões e habilidades.

A Folha de Dados Pessoais de Woodworth, elaborada durante a 1ª Guerra Mundial, foi o instrumento de base para a criação dos inventários de auto-descrição subsequentes. Inicialmente tratou-se de uma tentativa para padronizar uma entrevista psiquiátrica e adaptar o procedimento ao teste colectivo. As questões colocadas referiam-se a desvios de comportamento tais como:

- fobias ou medos anormais
- obsessões ou compulsões
- pesadelos e outras perturbações de sono
- fadiga excessiva e outros sintomas psicossomáticos
- sintomas de irrealidade
- perturbações motoras (tiques e tremores)

que tinham sido recolhidos a partir de informações sobre sintomas comuns de neurose e estados pré-neuróticos, literatura psiquiátrica e conferências. Ao seleccionar os itens finais, Woodworth aplicou, para além das verificações estatísticas empíricas, a validação de conteúdo; isto é, salientou a fonte de onde foram recolhidos os

itens e o reconhecimento comum de certos tipos de comportamento desajustados.

A lista de Mooney de Verificação de Problema (destinada à identificação de problemas, para a discussão em grupo e para a orientação individual), o Inventário STS de Jovens (lista de verificação de necessidades e problemas para grupos de 7 a 12 anos) e o Teste Califórnia de Personalidade são exemplos de testes que dependeram sobretudo da validação de conteúdo para a sua formulação, selecção e agrupamento de itens. Actualmente poucos são os testes que são exclusivamente baseados na validação de conteúdo.

O critério de gabarito empírico consiste no desenvolvimento de uma chave de correcção em função de algum critério externo, isto é, envolve a selecção dos itens que devem ser mantidos e a atribuição de pesos de avaliação a cada resposta. No teste de Woodworth nenhum item era mantido no inventário se 25% ou mais, de uma amostra normal respondessem na direcção desfavorável. Suponha-se que o aparecimento de uma característica tão frequente, numa amostra com predominância normal, não poderia indicar uma anormalidade comportamental. Vários outros testes basearam neste aspecto a sua construção, como é o caso do Estudo de reacção de Ascendência-Submissão (Allport, 1928; Ruggles e Allport, 1939) e do Inventário Multifásico de Personalidade de Minesota (MMPI) que influenciaram o de-

envolvimento de muitos outros inventários posteriores; como é o caso do Inventário Psicológico da Califórnia (CPI) que retirou do MMPI metade dos seus itens.

No sentido de chegar a uma classificação mais sistemática da Personalidade, alguns psicólogos voltaram-se para a análise factorial; tendo sido pioneiro Guilford (1959). Assim, os autores em vez de correlacionar os resultados totais dos diferentes inventários, calcularam as inter-relações entre itens isolados de muitos outros inventários de Personalidade.

Segundo Anastasi (1977) a análise factorial apresenta-se como uma técnica para reunir itens de inventários de personalidade em grupos relativamente homogêneos e independentes; de modo a permitir uma combinação mais eficiente de resultados para a predição dos critérios específicos (Questionário de Dezasseis Factores de Personalidade; Questionário Colegial de Personalidade; Questionário IPAT de Personalidade para crianças). Considere-se ainda, a utilidade do conceito de TRAÇO e sua organização para a compreensão da estrutura da Personalidade in-

dividual, tão enfaticamente salientada por estas teorias.

Alguns dos testes de personalidade foram construídos no esquema de uma ou outra teoria de Personalidade, como aliás, já aqui, foi referido. Relativamente à construção e uso destes inventários os psicólogos deparam-se com dificuldades especiais que vão para além dos problemas encontrados na maior parte dos testes psicológicos. Por exemplo, a questão da simulação e da fraude é muito mais preocupante na mensuração da Personalidade do que no teste de aptidão. É claro que se torna mais complexa a determinação de precisão do teste, visto que o comportamento medido pelos testes de personalidade é muito mais mutável do que o medido pelos testes de capacidade.

No entanto, apesar de toda a ambiguidade, é possível diminuir a frequência das respostas equívocas (formulação mais específica dos itens; acréscimo do número e variedade de itens para avaliar um traço); permitindo o uso adequado de técnicas comuns e de dados normativos auxiliares (ver Fig. 3).

TÉCNICAS PARA A AVALIAÇÃO DA PERSONALIDADE	
TÉCNICAS PROJECTIVAS	A Técnica Rorschach (1922) A Técnica Holtzman de borrões de tinta Rorschach para crianças (Anes e col. 1952) Teste de Apercepção Temática (TAT) (Murray e col., 1938) Teste de Apercepção de crianças (CAT) Estudo de Frustração de Figuras de Rosenzweig (1960)
TÉCNICAS VERBAIS	Completção de sentenças (Rohde, 1957)
TÉCNICAS EXPRESSIVAS	Teste de Desenho de uma Pessoa de Machover (1949)
TÉCNICAS DE BRINQUEDO	Teste da árvore de C.Koch Teste do Mundo de Löwenfeld (1939)
TESTES DE SITUAÇÃO	Testes de Pesquisa de Educação do Carácter Testes de situação de Tensão Situações de Grupo sem Líder
TESTES ESTILÍSTICOS	Funções Perceptivas Preferências Estéticas Humor Avaliação de Provérbios Interesses e Atitudes Formulário de Interesse Vocacional de Strong Inventário de Interesse de Kuder Inventário de Minnesota de Atitude do Professor
AVALIAÇÃO POR OBSERVADOR	Estudo por observação da Criança Técnicas do Incidente Crítico A Entrevista Técnica de Nomeação Uso pelo observador dos instrumentos de Auto-descrição

Figura 3 : Um estudo exaustivo de uma Personalidade poderá apresentar uma imagem mais precisa do indivíduo em causa, quando o psicólogo utiliza adequadamente várias técnicas em simultâneo que não só lhe permitam a obtenção de dados auxiliares, mas que fundamentalmente facilitem a elaboração dum análise intensa da totalidade.

UM MÉTODO DE AVALIAÇÃO NO DOMÍNIO AFECTIVO

Da multiplicidade de técnicas torna-se difícil escolher uma delas para tentar exemplificar como é possível medir o domínio afectivo de uma Personalidade. As Técnicas Projectivas mostram-se particularmente sedutoras para o indivíduo testado, pelo que talvez seja interessante serem aqui levemente aprofundadas.

Segundo Thorndike (1985) são geralmente chamadas Técnicas Projectivas todos os instrumentos de avaliação que a partir de comportamentos simples procuram detectar os diversos aspectos da estrutura e dinâmica de uma Personalidade. A partir de situações ambíguas e não estruturadas, provocadas por estímulos materiais, procura-se compreender como é que o sujeito as organiza. Tal facto permite o livre jogo da imaginação da pessoa e uma quase ilimitada gama de respostas possíveis. O modo como se perceber e interpretar o material do protocolo vai reflectir os aspectos fundamentais do funcionamento do sujeito. Como diz Anastasi (1977) "Espera-se que os materiais do teste sirvam como uma espécie de tela, na qual o sujeito "projecta" as suas agressões, seus conflitos, seus medos, suas necessidades e seus processos característicos de pensamento"

As técnicas que mais exaustivamente foram alvo de estudo foram o Psico-diagnóstico de Rorschach e o Teste de Apercepção Temática que em 1971 tinham respectivamente 4 580 e 1 760 referências bibliográficas (Thorndike, 1985).

A Técnica Rorschach foi criada por Hermann Rorschach em 1922; é constituída por dez pranchas (cinco de cor cinza/preto, duas de cor vermelho claro e três de combinação de várias cores) em cuja avaliação é feita em função da localização (parte do borrão a que o sujeito associa cada resposta), determinantes (forma, cor, sombra e "movimento") e tratamento de conteúdo que varia muito dum sistema para o outro. Mais tarde Ames e Col. (1952)

fizeram um Rorschach para crianças de dois a dez anos de idade.

Os especialistas alegam que se trata dum teste de personalidade altamente útil e revelador no entanto debate-se com problemas de fidelidade, isto é, os diferentes examinadores, em face das mesmas respostas, chegam muitas vezes a descrições diferentes da personalidade. Muitos clínicos estão convictos que os relatórios falam mais da personalidade dos próprios examinadores do que da dos examinados. Por outro lado, a grande parte das investigações é feita em situações clínicas onde se torna difícil ou impossível controlar todas as variáveis.

Apesar destes obstáculos pode ser útil no diagnóstico de doentes psiquiátricos e até na investigação.

ATITUDES DE RESPOSTA A TESTES

Quando um indivíduo é submetido à situação de teste, o observador deverá estar precavido relativamente a determinados fenómenos que poderão pôr em risco a qualidade e respectiva cientificidade de suas observações; como é o caso de:

- Simulação e Conveniência Social
- Técnica de Escolha Forçada
- Predisposição de Resposta e Estilos de Resposta.

De todas as respostas possíveis há sempre uma que é reconhecida como mais conveniente ou aceitável, do que as outras. Assim, um candidato a um emprego ou admissão a uma instituição educacional, procura a resposta que crie uma impressão favorável a seu respeito. Por outro lado, em condições diferentes o mesmo candidato pode vir a ser beneficiado, se parecer mais perturbado psicologicamente do que realmente é (caso de acusação de crime ou recruta militar), por isso, sente-se motivado

a responder de modo a causar má impressão sobre si próprio.

Um estudo realizado por Wesman (1952) mostrou como é possível realizar com êxito uma fraude específica para um determinado objectivo vocacional. Pelo que foi dito, é preciso estar atento ao fenómeno da simulação, a que os inventários de autodescrição em especial estão sujeitos.

O facto do sujeito escolher as respostas que são consideradas socialmente, não quer dizer que o faça sempre conscientemente. Edwards (1957) ao iniciar o estudo sobre a variável conveniência social, (efeito de aparência ou tendência a "apresentar uma boa aparência" dum modo essencialmente inconsciente), pode detectar:

- falta de visão por parte do sujeito das suas próprias características
- autofalseamento
- relutância para enfrentar as suas limitações.

Crowne e Marlowe (1964) e Frederiken (1965) apresentaram provas que indicam a relação da tendência do conjunto de respostas de conveniência social com:

- necessidade geral de autoprotecção do indivíduo
- afastamento do criticismo-conformidade social-aprovação social.

Por exemplo, o sujeito que escolhe itens desfavoráveis pode estar com uma necessidade de atenção, simpatia, ou a pedir auxílio para resolver os seus problemas pessoais.

O problema de fraude e dos grupos afins de resposta podem ser resolvidos a partir dos seguintes processos de detecção:

1. Construção de itens "subtis" ou socialmente neutros.

2. Instruções do teste e estabelecimento de afinidade no sentido de motivar o indivíduo a dar uma resposta honesta, até porque se torna vantajoso para ele.

3. Chaves de verificação para detectar fraudes nos grupos de resposta (ex. escalas L e F do MMPI) e itens de correcção (ex. escala K do MMPI).

4. Itens de escolha forçada.

A Técnica da escolha forçada exige que o sujeito escolha entre dois termos ou duas frases que parecem igualmente aceitáveis, mas que na realidade são diferentes quanto à validade (quando reunidas podem ser desejáveis ou indesejáveis). Este processo para controlar a simulação ou predisposição para respostas de conveniência social, não se mostrou tão eficiente quanto se desejava uma vez que causa outras dificuldades técnicas.

Blok (1965) observou a influência da predisposição de resposta nos testes em geral e chamou a atenção para a concórdância, ou tendência a responder "certo" ou "sim". Daí que se tenha procurado que o número de itens em que a resposta "sim" é corrigida como positiva, deveria igualar o número de itens, em que a resposta "não" é corrigida como positiva (este equilíbrio pode ser atingido pela adequada selecção ou expressão diferente dos itens).

A controvérsia sobre predisposições de resposta é mais uma querela científica, que denota a tentativa de melhorar a construção de Inventários de Personalidade.

IMPLICAÇÕES SOCIAIS DOS TESTES DE PERSONALIDADE

A partir da década de cinquenta tem crescido um sentimento inquietante a respeito do uso e abuso dos testes psicológicos em geral. Por um lado o interesse do público, a multiplicação de pessoas testa-

das, a variabilidade de características avaliadas; por outro, resultados determinantes em decisões de importância vital, usos ou interpretações erradas, com implicações preocupantes tanto para o indivíduo como para a sociedade.

O descontentamento relativamente aos testes surge na década de 60, um pouco por toda a parte, como congregações escolares, organizações de pais, comissões legislativas, organizações de direitos civis e imprensa popular. A parte da população que expressava atitudes negativas, variava de acordo com algumas características (Neulinger, 1966):

- contexto em que os testes eram usados
- nível educacional e sócio-económico dos entrevistados
- características pessoais.

Perante esta panorâmica surgiram várias análises sobre as contribuições e limitações dos testes na sociedade (American Psychological Association chegou mesmo a nomear uma comissão para estudar este assunto (1965)).

Uma outra origem das preocupações públicas, diz respeito, a usos ocasionais não justificados ou a flagrantes transgressões à prática profissional. Embora seja difícil eliminar estes obstáculos à objectividade científica, existem no entanto, alguns processos para diminuir a quantidade destes erros:

1. Restrições voluntárias para a venda e distribuição dos testes psicológicos.
2. Licenças estaduais, leis de credenciamento e cartas de psicólogo.
3. Actividades estaduais de comissões éticas das associações psicológicas.

Desde sempre, os psicólogos se preocuparam com os problemas da cientificidade da aplicação de testes; o que os críticos não distinguem são as diferenças entre os praticantes pouco escrupulosos e

sem treino, e os psicólogos conscientes e qualificados. Daí que se conseguem demonstrar que um teste de personalidade é inadequado logo concluem que todos o são. Se uma pessoa que utiliza os testes é pouco ética, então todos os utilizadores se tornam suspeitos.

Num estudo realizado por L.Almeida e O.Cruz (1985), sobre a utilidade dos testes psicológicos, verificou-se uma atitude de aceitação face ao método dos testes por parte dos 110 psicólogos inquiridos; que é também partilhada pelo público em geral e pelos profissionais colegas de trabalho. Assim, segundo os autores o movimento "anti-teste" é mais sentido como forma de reformulação desta prática, não sendo por isso colocada a hipótese do respectivo abandono.

OBSTÁCULOS À CIENTIFICIDADE DAS TÉCNICAS PSICOLÓGICAS

As interpretações mal feitas dos resultados de testes e concepções erradas da sua natureza, bem como do seu objectivo, têm origem na comunicação inadequada entre o psicólogo e o seu variado público (educadores, pais, legisladores, candidatos a emprego...), a concepções erradas sobre as implicações, construção e uso de uma técnica psicológica. Os sujeitos costumam perguntar o que significa um item específico de um inventário de personalidade; ou muitas vezes existe a suposição de que o psicólogo está interessado nas respostas que o sujeito dá a itens específicos, e não aos seus escores totais.

No entanto, nem todas as concepções erradas a respeito dos testes podem ser atribuídas aos factores anteriores. Segundo Anastasi (1967) a construção e utilização de testes psicológicos tem apresentado uma tendência a distanciar-se do corpo principal da ciência comportamental. Assim, considerando que a especialização dos psicólogos é cada vez maior

e que os psicometristas se concentram em refinamentos técnicos de construção de testes, corre-se o perigo de perderem o contacto com o progresso de outras áreas relevantes, tais como aprendizagem, desenvolvimento infantil, diferenças individuais.

No sentido de diminuir este tipo de obstáculos ou o aparecimento de outros dever-se-á ter em consideração:

1. Conciliar vários processos de avaliação, em particular na apreciação de características da personalidade.

2. Interesse das avaliações feitas por mais do que um observador do comportamento, desde que essas observações possam ser feitas em condições que reduzam ao mínimo os erros de julgamento.

3. Devido ao facto de ser difícil conseguir objectividade na avaliação, torna-se necessário seleccionar e treinar pessoal para observação.

4. Uma vez que toda a pesquisa do comportamento, seja quais forem os processos utilizados, apresenta a possibilidade de invasão da vida particular, o psicólogo deverá:

- informar o examinado do uso que será feito dos seus resultados
- explicar ao sujeito que uma avaliação correcta vai beneficiá-lo, pois não existe vantagem em colocá-lo numa posição onde não se sinta bem ou fracassa-se, daí que é útil que seja sincero.
- ter em conta que os resultados não devem ser consultados para fins institucionais, a não ser que o examinado consinta
- respeitar o anonimato e explicar aos sujeitos os procedimentos utilizados para o assegurar
- estar alerta quanto aos valores envolvidos e pesar cuidadosamente as soluções alternativas

- estabelecer uma comunicação aberta e empática com o observado

- proteger a intimidade do sujeito através da relevância e concordância consciente; isto é, garantir que os escores do teste ou técnica utilizada serão correctamente interpretados, e informar do objectivo do teste, do tipo de dados pretendidos sem contudo, mostrar de antemão os itens dos testes ou informar o modo como as respostas serão calculadas.

5. Os testes de personalidade foram acusados de alguns males das organizações empresariais modernas, e até de seleccionarem indivíduos conformistas e pouco originais; mas, os testes não podem ser usados como instrumentos para mudar critérios (ex. jogar golfe com o patrão), pelo que a valorização social de traços de personalidade faz parte do contexto.

6. A influência da cultura, no entanto, quando as técnicas são utilizadas correctamente podem fornecer um índice quantitativo e qualitativo do grau de carência cultural, o que pode contribuir para a elaboração de programas de recuperação.

7. Perante o perigo de rotular e categorizar os indivíduos, os psicólogos clínicos têm-se voltado mais para as descrições de personalidade; qualquer resultado dum técnica psicológica deve contribuir para uma compreensão do sujeito como ele é na ocasião tendo em conta a totalidade da sua personalidade.

As técnicas psicológicas deverão ser sempre encaradas como instrumentos auxiliares do estudo dum Personalidade muito concreta, isto é, que não é ideal ou padrão, mas que está ali e agora, e é real. Assim, a eficácia do material disponível depende essencialmente do conhecimento, da habilidade e da integridade de quem a usa, em certas condições, com determinados objectivos. Por outro lado, não pode haver descuido na comunicação dos resultados; é preciso ter em conta as características da pessoa que recebe a informação e a interpretação que este faz dela; daí que

cada indivíduo deva receber apenas a informação importante para a sua necessidade imediata.

CONCLUSÃO

A diversidade de métodos de avaliação e respectivos instrumentos no domínio afectivo denotam a constante preocupação dos cientistas em tentarem ser o mais rigoroso possível no estudo de uma Personalidade concreta percebida na sua totalidade dinâmica.

Apesar de algumas objecções de carácter teórico (o problema da quantificação da Psicologia), objecções de carácter psicométrico (características dos instrumentos), objecções ligadas à tomada de decisão (pertinência da informação) e objecções de carácter ético-social (privacidade de informação, grupos minoritários), os psicólogos estão cada vez mais cientes da enorme utilidade destes instrumentos científicos na avaliação terapêutica, diagnóstico clínico, selecção profissional, mudança e promoção do desenvolvimento, orientação profissional, orientação escolar, dificuldades de aprendizagem, e investigação psicopedagógica. Por outro lado, encontram-se também mais conscientes das dificuldades que podem aparecer numa ciência que pretende estudar objectivamente o subjectivo.

NOTAS:

(1) As informações sobre os autores que não constem da bibliografia foram baseados no livro de Anastasi.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, L.S. e CRUZ, O.; (1985); "A utilização dos testes psicológicos: Resultados de um inquérito junto de psicólogos portugueses"; *Jornal de Psicologia*; 4,5,11-18
- ANASTASI, A.; (1977); *Testes Psicológicos*, São Paulo, Nova Edição Revista E.P.U.
- EYSENCK, H.J., *Verdades e Mentiras da Psicologia*; Editora Ulisseia
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.-B.; (1970); *Vocabulário de Psicanálise*; Moraes Ed.
- LUNDIN, R.W., (1977); *Personalidade uma Análise do Comportamento*; S. Paulo, E.P.U.
- MIRANDA Santos; A.; (1972); *Expressividade e Personalidade um Século de Psicologia*; Coimbra, Atlântida Editora
- MIRANDA Santos; A.; (1982); "Em torno da/duma/Personalidade"; *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ANO XVI, Universidade de Coimbra
- POLITZER, G.; (1928); *Critique des fondements de la Psychologie*, Paris, P.U.F.
- THORNDIKE & HAGEN; (1986); *Measurement and evaluation in Psychology*; New York, Copyright